

## 2.2 O círculo de cultura e o planejamento participativo na educação popular em saúde

Ronaldo dos Santos Travassos

### Círculo de cultura: encontro de leitura de mundo

A educação popular como campo de produção de saberes construiu um dos elementos metodológicos que contribui para o processo de emancipação das *classes populares*: o círculo de cultura, criado originalmente como um espaço de *ação político-pedagógica* em que todos participam em um processo de trocas de saberes. Educadores e educandos em uma relação de ensino e aprendizagem têm a liberdade de fazer uso da palavra sem qualquer restrição. Com respeito mútuo em uma relação horizontal, fazem proposições, vivenciam experiências coletivas, fazem sua leitura do mundo mediada pelo diálogo. Em síntese, no círculo de cultura, o *protagonismo* é do sujeito nos encontros e conflitos de saberes, que possibilitam a construção de estratégias de intervenções na realidade concreta.

A discussão da realidade vivida pela população permite identificar os problemas que são comuns a todos. Com isso, se viabiliza a organização coletiva de ações políticas e, ainda, o mais importante, a reflexão permanente sobre essa prática. Esse é o momento do círculo de cultura no qual emerge a consciência do mundo vivido, o questionamento de sua inserção, para objetivamente reconstruí-lo como projeto eternamente humano.

#### Círculo de cultura

O círculo de cultura é uma proposta pedagógica de atividade coletiva da qual participam educandos e educadores, numa relação horizontal, de diálogo. O círculo de cultura parte dos problemas vivenciados e de interesse dos participantes, na busca pela reflexão crítica sobre eles e no sentido de tomar uma posição perante estes problemas. Essa proposta foi sistematizada pelo educador Paulo Freire na década de 1960, quando alfabetizava trabalhadores rurais do interior do Rio Grande do Norte e de Pernambuco.

Em uma perspectiva de ação política, o círculo de cultura é uma das estratégias de ação e reflexões que se desenvolvem com a autonomia dos *sujeitos sociais* para a organização e mobilização das *classes oprimidas*, além de contribuir para o amadurecimento político individual e coletivo. A conscientização e a politização dos indivíduos envolvidos nesse processo de formação político-pedagógica lhes proporcionam o conhecimento da realidade concreta.

Os indivíduos, ao se apropriarem desses conhecimentos, tomando-os para si como resultados de uma construção coletiva, se reconhecem como sujeitos de sua própria história.

O educador tem um papel fundamental na condução do círculo de cultura: em primeiro lugar, deve ter atenção para que as atividades não girem em torno de si; logo, não deve ser aquele que tem a pa-

lavra certa, pois ele não é conhecedor de tudo, senão a fala dos outros não teria sentido, e, com isso, seriam anulados e não se sentiriam à vontade para se expressar. Isso não significa que o educador se omita, deixando as falas acontecerem sem uma condução. Sua postura deve ser crítica ao dialogar com as diversas realidades que se apresentam no círculo de cultura.

Quais são os princípios importantes de um círculo de cultura?

Democracia. Diálogo. Amorosidade. Respeito pelo educando. Humildade. Horizontalidade nas relações entre educador e educando. Autonomia. Valorização das culturas locais e das experiências. Oralidade. Escuta. Problemática. Pensar e agir criticamente. Realidade concreta. Diversidade de linguagens (de formas de se expressar).

Desse modo, o educador assume a condução do processo pedagógico com o propósito de que os sujeitos implicados possam criar caminhos para ultrapassar obstáculos que impeçam a sua emancipação. A busca por esses caminhos tem uma relação de reciprocidade, ou seja, o aprendizado e a emancipação são mútuos.

Neste movimento de relação mútua da prática pedagógica, parte-se da concepção de que todos estão envolvidos em um processo de luta pela emancipação. A interdependência entre quem ensina e quem aprende deve ser preservada, porque o educador se reeduca no próprio processo pedagógico, avaliando sua postura, suas atitudes e criando formas de relacionamento para a reconstrução de novos saberes.

Para a *pedagogia freiriana*, o conteúdo é definido a partir da leitura de mundo, a ser construída no círculo de cultura no início dos encontros. Esse caminho permite que a organização do conteúdo seja atravessada pelos princípios norteadores da vida dos educandos, recheados de elementos significativos da realidade concreta. “Não há um programa, inexistente nessa pedagogia um programa pré-estabelecido de conteúdos a serem ensinados” (Freire e Nogueira, 2007, p. 22).

O processo pedagógico é direcionado pelos temas originados nos contextos dos educandos e na sua compreensão dos problemas de sua realidade. Por esse caminho se ampliam e se reconstruem novos saberes coletivamente. Dessa forma os educandos se sentem parte integrante da formulação do processo, e não meros espectadores.

Parte-se daquilo que está mais próximo de sua realidade, em um movimento gradual e permanente de construção e desconstrução de visões, valores e posturas.

É a partir desse comprometimento, dessa postura radical de construção do diálogo, de problematização da realidade, intencionalmente voltado para o fortalecimento da práxis (ação e reflexão) que os conteúdos vão sendo desenvolvidos. (Henriques e Torres, 2009, p. 128)

No círculo de cultura, a prática pedagógica se estabelece pelo diálogo, não como uma técnica de ensino, mas sim pela relação de troca de saberes e experiências, único caminho possível para se chegar a uma síntese de compreensão da realidade. É importante lembrar que o diálogo é realizado como práxis (ação e reflexão) e não como uma simples conversa sobre um problema emergencial. Na educa-

*ção libertadora*, o diálogo é uma forma de convivência com o outro, influenciado pelo mundo, porque *o ser social* é um ser de relações, ele não vive isolado da realidade.

## O círculo de cultura: o lugar do planejamento participativo

O *círculo de cultura* é um espaço de planejamento participativo (Padilha, 2008), no qual pode ter início a construção coletiva e democrática das práticas educativas em saúde. Nessa proposta de planejamento, as unidades de saúde se transformam no local no qual todos podem pensar, criticar, refletir, deliberar, cultivar, ser propositivo para superar as dificuldades e os problemas de saúde da comunidade.

Círculos de cultura eram espaços em que dialogicamente se ensinava e aprendia. Em que se conhecia em lugar de se fazer transferência de conhecimento. Em que se produzia conhecimento em lugar da justaposição de conhecimentos feita pelo educador ao, ou sobre, o educando. Em que se construía novas hipóteses de leitura do mundo. (Freire, 1994, p. 155)

Nessa perspectiva estamos considerando o planejamento participativo como uma forma de luta política que representa uma alternativa ao planejamento autoritário, centralizador e verticalizado que estruturou o sistema de saúde brasileiro. Uma luta de resistência à implantação de um modelo de planejamento rígido, de base burocrática, com restrições à participação popular. Nos planejamentos construídos de forma rígida, ratificam-se ações pré-determinadas por especialistas, com o intuito de justificar eficiência e rapidez na execução das ações, sem diálogo com os principais *atores sociais* envolvidos com os problemas locais.

No combate a esse planejamento autoritário, o planejamento participativo se coloca como alternativa, porque amplia a comunicação por meio do diálogo coletivo e da integração, comprometimento e autonomia das pessoas na formulação das propostas de estruturação dos serviços de saúde locais, na execução orçamentária, nas atividades de educação popular em saúde e, até mesmo, nas políticas públicas de saúde.

Podemos caracterizar o planejamento participativo pelo processo que envolve a troca de ideias, o estímulo ao enfrentamento dos problemas e desafios da vida cotidiana e o resgate da cultura, assuntos não considerados pelos técnicos ou especialistas em planejamento.

O planejamento participativo permite que aqueles que efetivamente vão participar da ação, como os agentes de saúde e a comunidade, participem de todo o ato de planejar. Caso contrário, a autonomia almejada deixa de existir para dar lugar aos especialistas que concebem o planejamento, acentuando-se a velha dicotomia típica da *sociedade de classe*: uma minoria formula e a maioria executa.

## O planejamento participativo na educação popular em saúde

Diante do que foi exposto até aqui chegamos à conclusão de que outras formas de trabalhar a educação em saúde são possíveis, tanto nas instituições como na comunidade, independentemente das orientações oficiais. Os desafios e tarefas nos colocam diante de uma luta política, caso realmente

acreditemos no potencial das classes populares na construção de uma sociedade mais justa, sem discriminação de raça, etnia, cor, gênero, orientação sexual, geração, nacionalidade, classe social, poder econômico, crença, religião ou cultura.

O trabalho político-pedagógico do planejamento participativo propicia o aprofundamento da consciência crítica, o reconhecimento de classe da população marginalizada e o fortalecimento das expressões culturais em uma busca incessante pela emancipação das classes populares. No campo pedagógico, o planejamento participativo favorece outras formas de planejar, nascidas da construção compartilhada do conhecimento, até então não reconhecida pelos especialistas. Isto só é possível pelo diálogo, sem o qual, não há troca de saberes.

## Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_; NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. Petrópolis: Vozes, 2007.

HENRIQUES, Lucas Fernando Cesar; TORRES, Michelangelo Marques. *Potencialidades*

do círculo de cultura na educação popular. In: ASSUMPÇÃO, Raiane (org.). *Educação popular na perspectiva freiriana*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009. p. 115-142.

PADILHA, Paulo Roberto. *Planejamento dialógico*. 8. ed. São Paulo: Cortez–Instituto Paulo Freire, 2008.